

## **O assassinato da jornalista Sandra Gomide: violência de gênero em uma rotina de assédio moral no trabalho**<sup>1</sup>

**Alice Mitika Koshiyama** - Universidade de São Paulo -- Escola de Comunicações e Artes – Departamento de Jornalismo e Editoração (ECA-USP)<sup>2</sup>

### **Resumo**

Este trabalho é parte de uma pesquisa sobre o lugar social (cf.:M. Certeau) das mulheres na história do jornalismo brasileiro. Pretende refletir sobre algumas dimensões de um fato da história recente das mulheres jornalistas: o assassinato de Sandra Gomide, editora de economia do jornal O Estado de S.Paulo, pelo seu ex-namorado e ex-chefe de redação, Antonio Pimenta Neves em agosto de 2000. Avaliamos seu significado como questão de gênero, na perspectiva feminista (cf.: Cármen da Silva). E interrogamos o fato como parte de um contexto histórico de assédio moral (cf. M.F. Hirigoyen) na rotina de trabalho dos jornalistas nas empresas jornalísticas.

**Palavras-chave:** jornalismo brasileiro; gênero; assédio moral no trabalho; Sandra Gomide; Pimenta Neves.

### **1. Introdução**

Hoje, a presença das mulheres no mercado de trabalho de jornalismo e nos cursos superiores para formação profissional atesta o interesse e a adaptação delas a um universo que no início dos anos 60 do século passado, no Brasil, discriminava-as abertamente.

Nessa época, as mulheres eram minoria na profissão e atuavam nos suplementos femininos e em setores do jornalismo considerados pela opinião masculina dominante como de pouco prestígio ou de menor importância.

A relação da mulher com o espaço público e o espaço privado assinala a posição ocupada por ela na sociedade e marca sua identidade de gênero ao longo do tempo. A relação de gênero é definida pela ocupação do espaço permitido ou interdito à presença

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado ao NP 13 - Comunicação e Cultura de Minorias no V Encontro dos Núcleos de Pesquisa

<sup>2</sup> Alice Mitika Koshiyama é mestre em Ciências da Comunicação (ECAUSP), doutora em Literatura Brasileira (FFLCHUSP) e Livre-Docente em Jornalismo. É docente do Curso de Graduação em Jornalismo e Pós-Graduação em Ciências da Comunicação, Coordenadora do Núcleo de Pesquisa em Jornalismo e Cidadania da ECAUSP e do Grupo de Pesquisa Jornalismo e Construção da Cidadania da ECAUSP/CNPq. Autora de Monteiro Lobato, escritor e editor, T.A Queiroz, 1980. Pesquisadora de jornalismo, história, cidadania., gênero. E-mail: alicemitika@yahoo.com

de todos. Assim, na origem, as cidades marcam formas de exclusão de gênero, que são mais antigas do que as exclusões de classe.

O acesso das mulheres a novos espaços, inicialmente acompanhadas de homens e só mais recentemente sozinhas, sinaliza uma aceitação de algumas culturas de direitos mais amplos para elas. Essa visão externa das conquistas da cidadania feminina não resulta automaticamente na compreensão do que é cidadania feminina pensada a partir do gênero. Há muito para se descobrir em que consiste a percepção que as mulheres tem de si e dos outros, assinala a psicóloga Naumi de Vasconcelos, pesquisadora do Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro. O problema por ela apontado é importante observação também na elaboração dos estudos de história, e mais particularmente nos estudos de história das mulheres. (cf. M. de Certeau. 'A Operação Histórica')

Concretamente, o fato das mulheres ocuparem cargos e serem numericamente presentes no espaço de trabalho impõe um exame da situação delas nas suas relações de trabalho e nas suas relações de gênero nas empresas jornalísticas.

Neste estudo observamos uma série de manifestações de jornalistas sobre o assassinato de Sandra Gomide, e refletimos sobre o que elas podem significar na perspectiva da história das mulheres jornalistas e do trabalho em jornalismo.

## **2. Violência contra as mulheres: história, mídia e cidadania**

A legitimação de uma história das mulheres nas últimas décadas aconteceu paralelamente ao desenvolvimento de movimentos organizados em defesa dos direitos de cidadania como questão de gênero, classe, raça, na busca da cidadania plena. A própria transformação da pesquisa histórica hoje permite aprofundar indagações sobre o mundo feminino contemporâneo. Há uma valorização da história da vida cotidiana como tema de pesquisa acadêmica e um novo olhar sobre a vida privada para a qual se reconhecem abordagens específicas, como a história das mulheres.

Uma visão da história que busca a valorização dos estudos sobre vida cotidiana não é um mero modismo acadêmico. Ao estudar a organização das sociedades e as formas de desenvolvimento dos relacionamentos humanos no tempo percebemos que há alguns valores permanentes que distinguem o gênero humano, conforme nos demonstra Agnes Heller em *O cotidiano e a história*.). Para ela, as transformações da sociedade são acompanhadas pelas transformações dos valores dominantes.

E sabemos que a mídia participa de todos os processos históricos da cena contemporânea. A denúncia e a exigência de punição para atos de violência contra mulheres tem sido um programa de trabalho para entidades históricas dos movimentos em nível internacional e nacional. No entanto, o problema permanece, e exige a organização de sistemas permanentes para prevenir, impedir ou punir os transgressores.

A inauguração do *Portal Violência Contra a Mulher*, em 2005, permitiu reunir informações que contribuem para dar visibilidade a um problema histórico na vida das mulheres brasileiras. É um espaço que atende a mídia, os movimentos de mulheres organizados e vítimas individuais em busca de orientações pontuais. Assume a questão da violência contra mulheres como um problema de criação de políticas públicas e de luta pelos direitos de cidadania da mulher.

O arquivo do *Portal* referente a matérias publicadas pela grande imprensa, apresenta matérias significativas sobre o tema. Uma delas, reproduzida na íntegra, “Essas mulheres foram assassinadas por seus companheiros”, publicado na revista *Marie Claire* de outubro de 2004, informa:

“No Brasil, a cada 15 segundos uma mulher sofre algum tipo de agressão. Em compensação, essa mesma mulher leva de 10 a 15 anos para denunciar o seu algoz, acuada por medo, vergonha ou seja lá o que for. Subjugada à vontade masculina ou mutilada em nome de costumes milenares, estima-se que sete em cada dez mulheres vítimas de homicídio em todo o mundo foram assassinadas por seus companheiros. As histórias de mulheres por trás das estatísticas aqui são contadas por familiares que pedem justiça e paz.”

A reportagem traz o relato de casos de mulheres assassinadas e uma delas é Sandra Gomide,

A criação do *Portal* é parte de uma estratégia de comunicação de apoio a ações de entidades, pesquisadores e especialistas voltados com o fim de implementar políticas públicas a partir de uma ampla campanha de informação, com oferta de assessoria para a mídia.

### **3. Pimenta Neves na mídia**

Os principais jornais e revistas jornalísticas nacionais de informação abordaram a história de Sandra Gomide. A cobertura jornalística focalizou o crime e as diferentes facetas sociais e profissionais dos jornalistas envolvidos como vítima e réu, às vezes com tons de imprensa policial e sensacionalista.

Os registros jornalísticos sobre Pimenta Neves incluem discursos adotados pelos jornalistas enquanto comentaristas dos fatos.

Há os discursos dos amigos que assumiram a defesa dele e destacaram –no como padrão de comportamento profissional exemplar.

Outros discursos exigiam justiça, julgamento e punição rápida do assassino confesso.

E finalmente, houve aqueles que reconheceram no acontecimento o resultado de um padrão de comportamento profissional arbitrário.

### **4. O crime como questão da vida privada**

Vários foram os defensores da idéia de que o crime de Pimenta Neves era uma questão da vida privada, não havia interesse público em aborda-lo. Ele matou, mas toda a exposição pública do caso seria, para o advogado de defesa, um processo de condenação antecipada do réu pela imprensa sensacionalista.

Amigos íntimos de Pimenta Neves (alguns deixaram declarações explicitamente registradas na mídia, como o jornalista Roberto Muller e o publicitário Ênio Mainardi) buscaram atenuantes no estado de saúde física e mental do jornalista para o ato. Condenaram explicitamente as reportagens feitas pelos jornais e principalmente

programas de emissoras ligadas à Rede Globo, que destacaram, nos seus telejornais, o crime premeditado, friamente cometido e o depoimento do assassino confesso feito à polícia.

Outros amigos na imprensa tentaram preservá-lo e evitar mostrá-lo na sua condição de assassino da mulher. A *Folha de S. Paulo* na primeira matéria sobre o fato, procurou atenuar os dados concretos do crime. Apresentava Pimenta como um homem culto, viajado e competente executivo de jornais. E que fora tomado de uma paixão por uma mulher jovem, sua subordinada na empresa, que o estava deixando. Ele, um homem transtornado ao ser abandonado pela sua protegida. Este texto provocou indignação em muitas leitoras e nas organizações de mulheres feministas. A docente da Universidade de São Paulo, Maria Otilia Bocchini, escreveu uma carta cancelando sua assinatura do jornal Folha de S. Paulo, pelo teor acintoso do texto que pretendia lembrar aos leitores as qualificações intelectuais e profissionais de Pimenta Neves e desqualificar profissionalmente a mulher assassinada.

A empresa *de O Estado de S.Paulo* lamentava a tragédia que atingia dois jornalistas da casa e suas famílias, afirmou um representante da família Mesquita após a missa de sétimo dia de Sandra Gomide.

A primeira matéria sobre o fato, publicado pelo MURAL, órgão do Sindicato dos Jornalistas Profissionais no Estado de São Paulo, concordava com o discurso dos patrões de Pimenta Neves e declarava o assassinato de Sandra um problema da vida de um casal de jornalistas e suas famílias.

### **5. Quem ama não mata**

Assim, se dependesse de alguns agentes de comunicação não haveria a ampla exposição pública do fato, que não seria abordado como um fato jornalístico..

Mas, houve a ação dos jornalistas atuantes dos sites da internet ligados a grande imprensa – jornais e revistas – que veicularam suas reportagens e comentários dos seus veículos impressos. Outros sites

de internet como OI (cf. Observatório da Imprensa) foram importantes órgãos para reunir e debater textos veiculados pela imprensa sobre fato ou mesmo para gerar informações novas, com coberturas próprias especiais do caso (cf. NO).

Mulheres feministas atuaram para corrigir os rumos do debate. Duas advogadas, Silvia Pimentel e Valéria Pandjjarjian (cf.: "Defesa da honra: tese superada?") com experiência no passado lembraram a mobilização do movimento de mulheres no final da década de 70 contra a tradicional invocação da tese da legítima defesa da honra nos crimes passionais. Foi uma campanha nacional memorável que teve como símbolo de o *slogan* 'Quem ama não mata'. [caso assassinato de Ângela Diniz por Doca Street].

Na qualidade de juristas, Pimentel e Pandjjarjian observaram a associação entre a tese da legítima defesa da honra e a tese da violenta emoção. "Pode-se até dizer que, nesta década, a tese da violenta emoção é a sucessora e/ou supletiva da tese da legítima defesa da honra."

Analizam o sentido de algumas notícias veiculadas na imprensa, para a defesa de Pimenta Neves:

"Importa consignar o repúdio a toda e qualquer forma de abordagem que sirva a macular a imagem da vítima ou a justificar o crime a partir de um julgamento moral de seu comportamento. Ao ser apresentada como aquela que teria traído amorosa e profissionalmente seu companheiro/chefe, pessoa tida como séria e dedicada a ela, referências desabonadoras e adjetivos pejorativos têm sido imputados, ora de forma explícita, ora sutilmente implícita, à sua moralidade e à sua competência profissional."

Grupos feministas e grupos de jornalistas mulheres que debateram o caso e passaram um abaixo-assinado encaminhado pela jornalista Renata Rangel. A lista já contava com mais de 3 mil assinaturas, quando foi veiculada no site do jornalista Luis Macklouf ( cf : PROFISSÃO REPÓRTER). O texto descreve o crime e avalia os atos principais do criminoso como movimentos para a sua defesa:

"Um tiro pelas costas, para imobilizar a vítima. Em seguida, o assassino se aproxima e dispara outro tiro, direto no ouvido. Sem chance alguma de defesa. Assim a jornalista Sandra Florentino Gomide, de 32 anos, foi

morta pelo ex-namorado, o também jornalista Antônio Pimenta Neves, de 63 anos. Aconteceu no dia 20 de agosto.”

Assinalam que Pimenta Neves premeditou o crime meticulosamente, andou armado e ameaçou sua vítima durante um mês, perseguiu e aterrorizou quem a protegesse. Tudo contraria a idéia da “forte emoção” ou do “crime de ímpeto”. Lembram que houve frieza e planejamento do crime, atocaiando a vítima e matando-a friamente. E planejou a fuga do local do crime e teve apoio para fugir do flagrante. E concluem, registrando a insatisfação coletiva:

“(…) Estamos fartos da violência e da impunidade. A farsa da "forte emoção", os bons antecedentes do assassino, o currículo profissional e as homenagens que recebeu não haverão de impedir que se faça Justiça. Acompanharemos com atenção o andamento do caso e denunciaremos publicamente qualquer tentativa de distorção dos fatos.”

O texto do abaixo-assinado é uma descrição sintética do crime, e de aspectos significativos das ações preventivas para a defesa do assassino.

Apesar de tudo, até início de 2005, Pimenta Neves não tinha sido julgado, tendo conseguido sucessivos adiamentos, a partir de intervenções de sua defesa.

## **6. Pimentas na rotina das redações**

Neste debate, provocado pela morte de Sandra Gomide, apareceram precisas descrições sobre rotinas de trabalho em jornalismo nos textos dos jornalistas Nivaldo Manzano e Cláudia Rodrigues. Ambos abordam o campo de arbitrariedades vigentes e do qual é parte o caso de Sandra. É o ângulo dos profissionais que aproveitaram o momento para desmistificar a lenda do grande e competente chefe, Pimenta Neves, organizando o campo das redações.

Nivaldo Manzano em “Por que medram Pimentas”, condena a cultura organizacional que avaliza o autoritarismo e arbitrariedade e propunha criar mecanismos para limitar o poder dos chefes de redação. Observava que há dois anos atrás, o *Observatório da*

*Imprensa* publicou um artigo dele intitulado "Carta aberta aos jornalistas – Os novos bárbaros", no qual chamava atenção para “a expansão avassaladora do poder imperial, por parte dos chefes, no ambiente das redações.” O que o levou a sugerir “a criação de critérios explícitos e de instrumentos de decisão que removam o poder absoluto dos chefes.”

E propunha mudar a forma de exercer a autoridade no trabalho:

“O mando a bel-prazer é uma ameaça a todos; não apenas pelo fato de mandar, mas porque, mandando, inibe-se a capacidade de discernimento e de reação por parte das vítimas, que, se não morrem de tiro, como Sandra, morrem um pouco a cada dia, adubando com sua defecção o terreno em que medram Pimentas.”

A visão de Cláudia Rodrigues é pautada pela perspectiva presente do cotidiano das redações, em que a própria organização do trabalho avalizada pelas empresas é predatória da cooperação, dos afetos e das relações humanas fraternais. Em suas palavras:

“Um caso de crime passional em nosso meio e logo lembramos daquela demissão que veio de cima, inexplicável, para retirar um colega competente que trabalhava na mesa ao lado. E também vêm-nos à memória aqueles colegas que, surpreendentemente, tendo a mesma idade e o mesmo tempo de trabalho, e não maior habilidade para escrever um texto do que outros de nós, subiram rapidamente em carreiras meteóricas rumo à posição de chefes ou repórteres especiais, com salários altíssimos. (...)

Os chefões dessas gangues já estão por aí declarando que, do ponto de vista profissional, "o Pimenta era um excelente jornalista". Claro, se levarmos em conta o padrão vigente do que é ser um bom profissional no mercado: não medir formas para retorno comercial. É sabido que cada vez mais a filosofia marqueteira sobrepuja fatos, distorce e omite notícias. (...)

Gangues, desses senhores que se beneficiam do sistema instalado desde que a ditadura militar foi substituída pela empresarial, não são melhores nem piores, é só uma questão de diferenças políticas e sociais, muito mais do que éticas ou jornalísticas. Afinal, a própria existência dessas "turmas" já nos fala de faltas éticas ou, no mínimo, de injustiças, sem mencionar o conteúdo jornalístico, que varia muito pouco nas grandes corporações, independentemente de qual gangue está no comando desta ou daquela empresa de notícias. (...)

Para nós, jornalistas, termos como "passaralho" – onda de demissões e novas contratações que pode durar um ano inteiro ou mais – fazem o maior sentido quando o cacique foi trocado ou está à sombra de algum novo contratado que, tão logo possa, vai puxar o tapete do antigo para depois iniciar sua gestão, com velhos amigos e indicados por amigos. (...)

Os diretores das redações se movem, de uma empresa para outra, acompanhados pelo primeiro escalão de suas trupes, mas são sempre os mesmos no mercado. São os políticos do jornalismo, os homens do poder, das mediações entre notícia, empresa e área comercial. Chegam a ganhar



20, 30 vezes o salário de um repórter, e os caciques de confiança podem chegar a ganhar 10, 15 vezes mais do que o resto dos índios. Isso tudo não é novidade, e nem causa espanto, em país capitalista, que as diferenças salariais sejam tão acentuadas; muito menos que a manutenção do poder seja o maior objetivo.”

As observações de Nivaldo Manzano e Cláudia Rodrigues mostram a morte de Sandra Gomide sob a perspectiva da organização do trabalho, uma questão para reflexão dos trabalhadores em jornalismo.

E podemos considerar a hipótese de que na redação chefiada por Pimenta Neves, não só mulheres como vários trabalhadores homens estavam vivendo em um clima que a pesquisadora Marie-France Hirigoyen caracterizaria como situações de assédio moral, em sua obra *Assédio Moral: a violência perversa do cotidiano*.

Ou conforme a definição sinteticamente exposta:

“Assédio moral no trabalho é a exposição dos trabalhadores e trabalhadoras a situações humilhantes e constrangedoras, **repetitivas e prolongadas** durante a jornada de trabalho e no exercício de suas funções. São mais comuns em relações hierárquicas autoritárias, onde predomina condutas negativas, relações desumanas e aéticas de longa duração, de um ou mais chefes dirigida a um subordinado, desestabilizando a relação da vítima com o ambiente de trabalho e a organização.” (Ver: <http://www.assediomoral.org>)

As regras do jogo não autorizam o assassinato de pessoas mas consentem explicitamente aplicar procedimentos que podem se enquadrados como assédio moral. Faz parte da cultura das organizações jornalísticas modernas conviver com chefias arbitrárias e centralizadoras, algumas vezes com poderes ilimitados sobre a vida profissional dos subordinado

## **7.Trabalho e Gênero: relações de troca**

A partir da leitura dos textos de Carmen da Silva, pensamos na idéia do protagonismo. Pergunta-se de Sandra Gomide como protagonista de sua própria história, profissional jornalista e mulher que, ao se separar de Pimenta Neves, pretendeu afirmar a separação entre o campo do trabalho e o campo de sua vida amorosa. Esses

campos estavam entrelaçados em um único universo na concepção de seu chefe e namorado, Antonio Pimenta Neves. Para ele, a relação marcava sua dominação absoluta, o protagonismo absolutista era dele.

As observações da jornalista Cláudia Rodrigues (cf.: “Imprensa infeliz na intimidade”) sobre o caso, chama a nossa atenção para quadro geral da mulher na profissão de jornalista, a partir de um evento singular:

“O que aconteceu na redação do Estadão, antes do crime, não é um caso isolado, e traduz muito bem, nesse microcosmo do universo jornalístico, o macrocosmos de desigualdades, corrupções, bajulações, concessões e disputas pelo poder. Duas pessoas acabam de ser vítimas de uma história criada e ornamentada por elas durante três anos. Uma história muito bem digerida pelo sistema; afinal, os dois transitaram juntos por duas grandes e respeitáveis redações [Gazeta Mercantil e O Estado de S.Paulo]. Uma história que teve como espectadores calados, conseqüentemente coniventes, os colegas de ambas as redações.”

O texto de Cláudia Rodrigues, permite avaliar a questão do protagonismo feminino na economia de mercado como parte de uma economia de trocas, não como o exercício da liberdade de escolher. No caso de Sandra Gomide, o papel preenchia também um desempenho profissional, no mercado de trabalho jornalístico, confirmando um padrão presente no passado das mulheres. Morta Sandra Gomide, ficam as controvérsias, para além do campo das lutas feministas, no qual ela é indiscutivelmente uma vítima da violência de um homem.

Tristemente, o crime foi um momento em que se afluaram questões sobre o modo de vida dos jornalistas profissionais no Brasil. O crime permitiu que fosse discutido como se trabalha na imprensa e depoimentos de jornalistas lembraram o grau de arbitrariedade possível na profissão de jornalista naquele momento.

## **8. Mulher, trabalho e autonomia**

Destacamos algumas reflexões que conjugaram a análise dos relacionamentos entre homens e mulheres, que podem se colocar em posições de chefia e subordinação. O texto da jornalista Cláudia Rodrigues avalia esse campo, o dos relacionamentos que Carmen da

Silva tão bem debateu em “A Arte de Ser Mulher” na revista *Cláudia*.

A promiscuidade entre o trabalho e a vida privada é uma possibilidade permanente na vida de mulheres e homens. Enquanto chefe, Pimenta dava emprego e promoção para a mulher Sandra e esperava em troca a submissão total da mulher. Enquanto ela preencheu o papel e fez o jogo esperado foi contemplada. Quando pretendeu ser uma mulher que prescindia do seu mentor ela foi morta. Por tê-lo dispensado de sua vida perdeu o emprego e a vida.

Os depoimentos de Nivaldo Manzano e Claudia Rodrigues ajudam a avaliar os cenários em que os fatos aconteceram. Cabe pensar sobre o fato da mulher Sandra ter-se disposto a fazer o jogo proposto pelo chefe durante alguns anos, convivendo com a arbitrariedade dele nas redações por onde passou: *Gazeta Mercantil* e *O Estado de S.Paulo*.

Cabe lembrar que Pimenta Neves tinha carta-branca para fazer o que achasse necessário, o que equivale a fazer o que quisesse, no seu cargo de diretor de redação, deduzimos que a falta de limites no campo das relações amorosas era apenas parte da falta de limites praticada na profissão jornalística.

Compreende melhor, porque, após o assassinato de Sandra, um membro da família Mesquita, proprietária do jornal *O Estado de S. Paulo*, chamou o caso de uma tragédia da vida privada de dois jornalistas da casa. É uma lógica do patronato, do mercado, a idéia que tudo que Pimenta fazia antes – todas as arbitrariedades, toda a mistura entre vida profissional e vida privada -- era parte do seu trabalho de chefe, exceto no momento em que matou a ex-namorada e ex-subordinada.

Dessa forma, evita-se a discussão das relações de trabalho, do modo de conduzir a rotina nas redações, dos limites de poder dos chefes na condução das atividades, da necessidade de definir direitos e deveres.

A ironia desse teatro é que o próprio criminoso Pimenta Neves desmentia a lógica patronal ao expor detalhes da sua relação amorosa

e profissional com a sua vítima Sandra. Ele desnuda seu poder e seu arbítrio de chefe que pode colocar nos cargos e dar melhores salários a alguém, pelo mérito de ser a sua mulher. E que ao deixá-lo, ele tira-a do emprego Talvez seja o momento de sinceridade, esse comportamento do conceituado executivo do jornalismo ao usar o emprego como uma moeda corrente. Ele afirmou que a empresa pagava a funcionária mais do que ela fazia por merecer, por intermediação sua, enquanto chefe. Independente de ser mentira ou verdade, a alegação de Pimenta mostra a ideologia do chefe e a ideologia do homem machista. É o chefe reafirmando seu poder de massacrar seus subordinados com seus julgamentos e atos arbitrários. E é o homem machista que afirma seu poder absoluto sobre uma mulher, e que para ele deveria viver uma vassalagem eterna, em troca de pretensos favores profissionais recebidos.

A perspectiva machista do homem encara a mulher como uma propriedade sua, e que rejeita a autonomia dela como ser humano. O machismo está apoiado no mito da “mulher honesta” e no velho preceito do casamento até que a morte separe os cônjuges. Esses valores eram dominantes na sociedade brasileira patriarcal, na qual um homem “honrado” tinha esposa, amantes e prostitutas e podia ser o senhor de todas elas, em diferentes espaços em que mulheres eram classificadas e segregadas. (cf.: Margareth Rago. *Os Prazeres da Noite: Prostituição e Códigos da Sexualidade*).

Percebemos hoje a contribuição de hábitos seculares para manter, nos escaninhos das mentes e nas práticas quotidianas de homens e mulheres, os velhos preconceitos e preceitos que degradam a condição feminina. Pois, o machismo é também fruto de uma relação que se vivencia na história das mulheres, com a conivência delas por inconsciência ou por interesse ou com a oposição delas organizadas em movimentos sociais de esclarecimento e solidariedade.

## **9. Conclusão: Por que combater Pimentas**

Achamos que é preciso praticar ações em vários níveis: do julgamento rigoroso pela justiça do crime ao exame do caso no campo das relações de trabalho no jornalismo.

Do nosso ponto de vista, do combate à violência contra as mulheres, o destino de Pimenta Neves importa sim, para fazer justiça, puni-lo pelo seu crime. A impunidade e o esquecimento estimulam a repetição de crimes semelhantes – o assassinato de mulheres -- muito mais comum do que se imagina, conforme vimos no *Portal da Violência Contra a Mulher*.

Com artigos que contextualizaram o acontecimento, mostrando-o dentro de um processo de relações de trabalho, compreendemos alguns aspectos das circunstâncias de ação de Pimenta Neves: autoritarismo até a onipotência do executivo de uma redação de jornal..

Aprendemos que existe uma categoria que devemos identificar na vida profissional como jornalistas: os Pimentas, esses tipos inspirados em Pimenta Neves. Acreditamos que é uma questão ética e política lutar para que eles não medrem.

Percebemos a importância da cidadania pensada como questão de gênero, da construção de uma consciência de ser sujeito da história na condição de ser humano mulher.

E a partir dessas histórias que descobrimos, estamos à procura de outros padrões de relacionamento no mundo do trabalho em jornalismo para homens e mulheres, refletindo sobre os textos de autores como o jornalista Nivaldo Manzano e a jornalista Cláudia Rodrigues.

## **10. Bibliografia**

### 1. Livros:

CERTEAU, Michel de. “A Operação Histórica”, in Jacques Le Goff e Pierre Nora (org.). *História: Novos Problemas*, 4ª. ed., trad. Theo Santiago, Rio, Francisco Alves, 1995, pp. 17-48.

HELLER, Agnes. *O cotidiano e a história*, 3ª. ed., Rio, Paz e Terra, 1989 .

HIRIGOYEN, Marie-France. *Assédio Moral: a violência perversa do cotidiano*, Ed. Bertrand do Brasil, São Paulo, 2000.

KOSHIYAMA, Alice Mitika (org.). *Mulheres Jornalistas: Opções Profissionais para a Construção da Cidadania*, São Paulo, Com-Arte, 2001

PERROT, Michelle. *Os Excluídos da História: Operários, Mulheres, Prisioneiros*, 2ª.ed., trad. D. Bottmaner, Rio, Paz e Terra, 1988.

RAGO, Margareth. *Os Prazeres da Noite: Prostituição e Códigos da Sexualidade Feminina em São Paulo 1890 - 1930*, Rio, Paz e Terra, 1991.

SILVA, Carmen da. *O Melhor de Carmen da Silva*: seleção de Julia Tavares, Rio, Rosa dos Tempos, 1994.

SODRÉ, Nelson Werneck. *História da Imprensa no Brasil.*, Rio Civilização, 1966. As edições da Graal, Rio, 1977 e da Martins Fontes, Rio, 1983 apresentam o mesmo texto de 1966.

b) Textos em sites da internet:

Abaixo-assinado: PEDE JUSTIÇA, in: Site PROFISSÃO: REPÓRTER, de Luiz Macklouf de Carvalho, <http://prof.reporter.sites.uol.com.br/sandra.htm>

COELHO, Marcelo. "Mata o homem", copyright *Pensata*, 1/09/00, in: <http://observatorio.ultimosegundo.ig.com.br/artigos/iq0509200093.htm>

[Essas mulheres foram assassinadas por seus companheiros - Marie Claire](http://copodeleite.rits.org.br/apc-aa-patriciagalvao/home/index.shtml), Edição 164, outubro/2004. In: <http://copodeleite.rits.org.br/apc-aa-patriciagalvao/home/index.shtml>

MANZANO, Nivaldo T. "Os novos bárbaros", in: <http://observatorio.ultimosegundo.ig.com.br/artigos/iq200298b.htm>

MANZANO, Nivaldo T. Manzano. "Por que medram os Pimentas" in: <http://observatorio.ultimosegundo.ig.com.br/artigos/iq050920002.htm>

PIMENTEL Silvia e PANDJIARJIAN Valéria. "Defesa da honra: tese superada?", copyright *FolhadeSPaulo*, 12/09/00, in: <http://observatorio.ultimosegundo.ig.com.br/artigos/iq200920003.htm>

RODRIGUES, Cláudia. "Imprensa infeliz na intimidade", in <http://observatorio.ultimosegundo.ig.com.br/artigos/iq050920005.htm>

ROSSI, Clóvis. "A mídia não matou", copyright *Folha de S. Paulo*, 31/08/00, in: <http://observatorio.ultimosegundo.ig.com.br/artigos/iq0509200093.htm>

c) Sites da Internet:

Assédio moral: <http://www.assediomoral.org>

PORTALVIOLÊNCIACONTRAAMULHER : <http://copodeleite.rits.org.br/apc-aa-patriciagalvao/home/index.shtml>

